

SÉRGIO, M. motricidade humana:

Um paradigma emergente. IV:

MOREIRA, Wagner Wey (org.). Educação

Física e Esportes - perspectivas

para o século XXI. São

Paulo: Papirus, 1992.

Capítulo 1

MOTRICIDADE HUMANA: UM PARADIGMA EMERGENTE

Manuel Sérgio Vieira e Cunha
Universidade de Lisboa

I. Tentar definir o *homem* é frustrante, já que a complexidade humana, com o seu constante apelo à transcendência, a sua incessante busca de sentido forma um *todo* indizível. No entanto, se a pretensão é pesquisar a motricidade humana, é preciso ter presente uma noção de *homem* que, embora escapando a uma definição cabal, favoreça-nos a eclosão do conhecimento que pretendemos analisar. De fato, não nos é possível uma epistemologia da motricidade humana, sem a consideração da *metaproblemática* (Gabriel Marcel) da complexidade do homem. Ora se o ser humano é um ser aberto (permanentemente) à transcendência e, como tal, um ser prático e essa sua praxidade é simultaneamente motricidade — a motricidade humana é o tropismo imparável à transcendência, que tanto pode revelar-se no movimento como, por exemplo, na meditação transcendental. Concordo inteiramente com o João Batista Freire: "Quando se fala em Educação Física, fala-se sempre em educação de movimentos, de movimentação intensa, dinâmica etc. E como é que se chama aquela parte da educação que envolve o corpo e na qual as pessoas procuram relaxar, isto é, não se movimentar, não criar tensões? Talvez a Educação Física seja não só uma educação de ou para o

movimento, mas também uma educação para o não-movimento. Ou seja, pode-se pensar num certo conceito de Educação Física em que o não-fazer seja tão importante quanto o fazer¹.

Ora, tendo em conta o anatomofisiologismo, ou o pedagogismo sem matriz teórica, da Educação Física tradicional – chegou a altura de esclarecer os cortes, ou as mutações, ou os fenômenos de ruptura, que tornam visível a mudança de paradigma nesta área do conhecimento. Lucien Goldmann empregava muito os conceitos *momentos privilegiados e máxima consciência possível* para mostrar a continuidade e a descontinuidade dialéticas que atravessam a história das ciências². A *arqueologia* de Foucault, ao invés da *história das idéias*, não visa “reencontrar a transição contínua e insensível, que liga, paulatina e suavemente, os discursos aos que os precedem, os cercam ou os sucedem”³. Demais, “a arqueologia procura desfazer todos os fios de continuidade que os historiadores teceram”⁴. E embora se excogitem teses que confundem irracionalismo com descontinuidade – Foucault reage com garboso comentário: “Pelo uso que fazem, vocês desvalorizam o contínuo. Tratam-no como um elemento fundamental ao qual tudo deve referir-se. Fazem dele a lei primeira, a gravidade essencial de toda a prática discursiva. A arqueologia propõe inverter essa posição e colocar um contra o outro, o contínuo e o descontínuo”⁵.

Mas, se há um termo de importância decisiva na compreensão da mensagem foucaultiana, esse é o de *episteme*. Ouçamo-lo, a propósito: “essa episteme é qualquer coisa como uma visão do mundo, um corte na história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um deles as mesmas normas, os mesmos postulados, um certo estágio geral da razão, uma certa estrutura do pensamento à qual não saberiam como escapar os homens de uma certa época”. E poucas linhas adiante esclarece: “Por episteme compreendemos, de fato, o conjunto de relações que pode unir, numa dada época, as práticas discursivas que dão lugar às figuras epistemológicas, às ciências e, eventualmente, a sistemas formalizados”⁶. Há, assim, em Foucault, uma descontinuidade epistêmica, como em Kuhn há uma descontinuidade paradigmática e, anos antes, em Bachelard e Koyré se defendiam, respectivamente, *cortes e mutações intelectuais*. Deve-se sublinhar que, nesses dois últimos autores, a continuidade é garantida, unicamente, pela idéia de progresso científico...

Feita a análise, é tempo de reunir os *disiecta membra*, voltando a Foucault: “Numa cultura e num dado momento, só existe uma *episteme* que define as condições de possibilidade de todo o saber”⁷. Se é aqui permitida uma comparação entre a *episteme* de Foucault e o *paradigma* de Kuhn, acrescentaremos rapidamente que o conceito de *episteme* é de muito maior abrangência que o de *paradigma*: aquele define um conjunto heterogêneo de leis, instituições, medidas administrativas, enunciados científicos e proposições filosóficas, dado que “cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função das suas condições de visibilidade, como diz tudo o que pode dizer, em função das suas condições de enunciado”⁸; este (que tem *nas pressuposições absolutas* de Collingwood o seu antecedente mais próximo) constitui a constelação de pressupostos materiais e humanos, que permitem recortar, delimitar e transformar em objeto de pesquisa uma região da realidade.

Mas, sem mais delongas, qual a *episteme* que possibilita e anuncia o corte revelador do que denominamos por *ciência da motricidade humana*? Eis alguns marcos da estrada longa e larga onde esse *a priori* cultural se alicerça:

- a Revolução Industrial inglesa, de há mais de 200 anos, que lança os fundamentos materiais do império atual da técnica;
- a revolução mental da *Aufklärung*, desteocratizante e desteologizante, onde já se escutam os ecos da secularização hodierna (um exemplo: enquanto a história de Bossuet quer ser universal, mas toda a sua universalidade consiste em dizer que a Bíblia já disse tudo, Montesquieu, no *Espirit des lois*, rejeita a introdução da teologia, na História, e procura as leis reais das condutas dos homens);
- a revolução política francesa, demolidora das estruturas petrificadas e ancilosadas do *Ancien Régime* e fomentadora, à escala europeia e americana, do princípio da liberdade;
- as descobertas e os estudos, no âmbito da anátomo-fisiologia, que permitiram a Ling e Demeny (embora Demeny seja um crítico frontal de Ling), entre outros, a teorização da ginástica, sem objetivos exclusivamente terapêuticos;
- a revolução nietzschiana de Zarathustra, proclamando a supe-

rioridade do *super-homem*, do *sede duros*, do *permaneçei fiéis à terra*, da transmutação de todos os valores, após a *morte de Deus* e erguendo um hino ao "corpo eievado, ao belo corpo, vitorioso e reconfortante, em torno do qual todas as coisas se fazem espelho, ao corpo leve que persuade, ao dançarino cuja expressão e cujo símbolo é a alma contente de si mesma";

- a revolução freudiana, reduzindo as energias da psique à massa pulsional da libido e dando ao corpo papel de relevo na reflexão antropológica;
- aumento da longevidade e melhoramento das condições de saúde, designadamente na terceira idade, devido a importantes progressos nas várias políticas médico-sanitárias;
- os também notáveis progressos, nos campos da etnologia e da etnografia;
- os tempos livres, onde a motricidade humana adquire papel de relevo quer na forma de recreação, quer na forma de espetáculo;
- a concentração urbana, a extensão e a celeridade das comunicações e a chamada *sociedade de consumo* onde a publicidade joga com o inconsciente coletivo, criando a miragem de uma felicidade imediata ao alcance de todos;
- a *monarquia do sexo* (Foucault), na qual o sexo se transforma em inteligibilidade do nosso próprio ser;
- o *corpo vivido* e as contribuições da fenomenologia e da hermenêutica;
- A industrialização e a urbanização, onde o ócio surge pontilhado de todo tipo de instalações sócio-desportivas;
- A publicidade que liga o corpo à cultura hedonista da *sociedade de consumo*;
- O reconhecimento generalizado de que a educação motora, racionalmente orientada, deve integrar o ato educativo;
- A medicina preventiva e a curativa, que amiúde se socorrem da motricidade, nomeadamente a terapêutica;

- O antidualismo das atuais teorias sobre o *homem* e a integração constante da corporeidade e da motricidade na complexidade humana.

E assim nasce uma nova antropologia. De fato o *homem*, depois de ter conquistado (e devastado segundo os ecologistas) a natureza, volta-se agora para si mesmo e descobre-se como um ser complexo (corpo-alma-natureza-sociedade) e marcadamente cultural. Com efeito, a própria natureza não é reflexo dela mesma, é uma produção cultural - toda a natureza se transforma, de acordo com as exigências da praxidade humana. E mais: o *homem* sabe que o seu movimento é intencional para o *mais-ser*. O *homem* é um *ser incondicionado* (Viktor Frankl), precisamente porque o seu movimento não cessa, ou seja: não cessa o seu anseio incontrolável de plenitude ôntica. O processo de mudança e desenvolvimento, em que o *homem* se encontra envolvido, torna-se inteligível quando se percebe que o sentido da vida humana consiste na passagem do *ser* ao *dever-ser*. Esse, aliás, é um dado preexistente, que justifica a motricidade. E o seu princípio informante.

II. Poderá dizer-se, no entanto, que a motricidade humana constitui uma nova ciência do *homem*? É lícito provocar a reflexão sobre o corte epistemológico nessa matéria? O modelo de racionalidade que tem presidido na ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e desenvolveu-se nos séculos subseqüentes basicamente no domínio das ciências da natureza. Depois, o fato de as ciências do *homem* (ou sociais) não se controlarem experimentalmente, não se regerem por leis universais e nelas imperar a imprevisibilidade e a subjetividade humanas faz nascer mais desconfiança à sua volta. A ciência da motricidade humana, como ciência do *homem* que eu julgo ser, tem também contra si o próprio perfil científico e a quase inexistência de investigação epistemológica e hermenêutica. Há por aqui demasiada explicação e reduzida compreensão, que "é o método e o paradigma da hermenêutica"⁹. Aliás, o *homo hermeneuticus* remete-nos sempre à linguagem como *medium* da tarefa hermenêutica a realizar, pois a linguagem é o espaço privilegiado da compreensão do *homem*. Mas será possível falar-se de um processo de construção teórico, estritamente demonstrativo da ciência da motricidade humana?

Porque a ciência é conhecimento; porque o conhecimento é um

fenômeno altamente complexo¹⁰; porque, neste caso, estamos diante da corporeidade ou da motricidade (e portanto do *homem*) – há que partir sempre da complexidade constitutiva do humano. Apelar para a categoria de complexidade significa ter em conta a pluralidade incontável de estruturas envolvidas em cada questão. Ora não se pode conhecer (ou melhor: tentar-se conhecer) o *homem*, sem um fundo de relação com a corporeidade e a motricidade. Depois de Teilhard de Chardin, já não faz sentido tão somente uma referência ao infinitamente grande ou infinitamente pequeno, porque o *homem* é o infinitamente complexo. A ciência, porém, há de ser também sistemática, pois que de outra forma não constituiria um corpo coerente de questões.

Forçoso é, por isso, que se enunciem os objetivos e as *constantes tendenciais* (leis?) aplicáveis aos diversos fenômenos das condutas motoras, partindo do princípio de que o *homem* e o próprio mundo¹¹ são perfeitamente imprevisíveis. E torna-se imprescindível, de igual forma, o consenso da comunidade científica, no que diz respeito à validade das *constantes tendenciais* (leis?) e dos objetivos. Sentimo-nos longe das épocas estáveis, em que, sob a nuvem da crença ou o cimento da ciência, uma comum *forma mundi* era aceita sem esforço pelos homens de cultura. Sabe-se, hoje, que “a atividade essencial da ciência é o pensamento, originado pela percepção criativa e expresso pelo jogo, o que gera um processo em que o pensamento se assume como conhecimento provisório, projetando-se para fora, como ação, e retornando na forma de percepção fresca e conhecimento (...). O conhecimento não é, por conseguinte, algo de rígido e fixo que se acumula indefinidamente, é um processo contínuo de mudança, cujo crescimento se aproxima mais de um organismo do que de um banco de dados. Ao deparar-se com sérias contradições no conhecimento, há necessidade de voltar atrás, no nível da percepção criativa e do jogo livre, que vão transformar o conhecimento existente. Fora desse ciclo de atividade, o conhecimento não tem nenhum significado”¹².

De qualquer forma, com alguma argumentação discursiva e demonstrativa e aquela comunicação intersubjetiva específica da comunidade científica, torna-se indispensável falar das *constantes tendenciais* (leis?), tendo como pressuposto o *corte epistemológico* (ou o novo paradigma), que desponta, irrecusável, depois de Jean Le Boulch (com o

livro *Vers une science du mouvement humain*) e de Pierre Parlebas (com o livro *Contribution à un lexique commenté en science de l'action motrice*), em diante. Há, de fato, a partir de então, uma linguagem nova que se distingue das linguagens científicas utilizadas e que surge como veículo coerente de uma resposta científica às exigências do tempo presente. Trata-se mais de um *discurso da descoberta* do que um *discurso de questionamento reflexivo*, pois que assume o papel de “verdade demonstrada, ainda que relativa, entendendo-se que não poderia haver na ciência verdades adquiridas”¹³. Estamos, com efeito, em presença de um verdadeiro glossário:

- desenvolvimento e adaptação motora
- psicomotricidade
- gerontomotricidade
- ludomotricidade
- ergomotricidade
- ludoergomotricidade
- cinesioterapia
- psicocinética
- ciência do movimento humano
- conduta motora e outros

E, porque o *corte epistemológico* é um processo teórico irreversível e contínuo, já é possível, até sob a forma de glossário, acrescentar mais algumas palavras que poderão manifestar esse corte com fidelidade. Nenhuma ciência preexiste à linguagem, que lhe dá forma, e assim o surgimento sistemático de novas palavras exprime a existência de um novo *paradigma* ou de uma nova *matriz teórica*. Seria lícito, neste momento, citar Paul Ricoeur: “Para mim, o mundo é o conjunto de referências abertas a toda a espécie de texto, descritivo ou poético, que li, compreendi e amei”¹⁴. Mas aludamos agora às leis que, a meu ver, interferem na criação e na expressão do comportamento motor: *lei do reflexo* – porque em todo comportamento motor torna-se impossível apagar as coordenadas de espaço, tempo e cultura e, que se gerou; *lei do gênero* – porque as condutas motoras, pelo simples fato de serem o que são, possuem o seu campo e não outro (a ludomotricidade, a ludoergomotricidade, a ergomotricidade constituem condutas motoras distintas,

conquanto cabendo todas no vasto mundo da corporeidade ou da motricidade); *lei do gênio* – porque todas as condutas motoras, se são reflexo, são também projeto, por força da subjetividade da pessoa.

Porque a ciência deve se comunicar, o léxico respeitante à ciência da motricidade humana deve ser entendido como um trabalho de relevância. Além disso, o próprio labor científico já fabrica uma linguagem distinta da linguagem corrente, resultante das fronteiras que se estabelecem entre a prática científica e o senso comum. “Será talvez redundante escrever que, sem esta continuada e conflitual separação de territórios, não haveria ciência”.¹⁵ É evidente que não há uma distinção radical entre as linguagens formais das ciências e as linguagens correntes. Mas não me parece que um esforço de demarcação não exija uma linguagem bem diferente do já dito e mil vezes repetido. Embora se saiba que a linguagem científica mais cedo ou mais tarde se transformará em linguagem do senso comum. A comunidade científica, respeitante à motricidade humana, vê-se dessa forma obrigada a trabalhar no domínio da linguagem, não só porque a ciência é discurso, num espaço epistêmico, mas também porque a comunicação inter, intra e transdisciplinar dela necessita. Por fim, porque todas as ciências buscam a compreensão, dado que o conhecimento é subjetivo-objetivo (e não objetivo-subjetivo), com motivos de sobra tal acontece em relação às ciências do homem e, por conseqüência, à ciência da motricidade humana, a qual postula uma relação gratificante e solidária corpo-alma-natureza-sociedade. E, nesse caso, em movimento, rumo à transcendência. E não é em movimento intencional que o “homem é o fundamento do homem”¹⁶? Desse ponto de vista, a motricidade não é mera *kinesis* do mecanicismo – é a dimensão fundamental do operar humano, na unidade indissolúvel do eu com tudo o que constitui o mundo da cultura. A grande mensagem da ciência da motricidade humana resume-se em poucas palavras: nunca a vigência de um dualismo se saldou pelo reconhecimento da eminente dignidade da pessoa humana. Ao contrário, esteve sempre na raiz das suas mais lamentáveis derrotas. Será preciso invocar o dualismo cartesiano, que chegou aos extremos do *corpo-instrumento* e do *homem-função*? Ou a mania – apontada a dedo pelo distinto médico norte-americano Larry Dossey e, aqui e além, ainda vigente na medicina – de procurar a origem das enfermidades, quer no nível do fisiológico, quer no nível do mundo exterior, esquecendo-se do psicológico e do espiritual¹⁷?

E qual a matriz disciplinar (ou o paradigma), onde se colhem as generalizações simbólicas, os paradigmas metafísicos, os valores e os modelos (estou a servir-me da terminologia de Kuhn) indispensáveis à constituição de uma ciência? Podemos conferir a essa matriz disciplinar as características seguintes: auto-organização subjetiva, complexidade-consciência, inter-relação corpo-alma-natureza-sociedade, práxis transformadora, cinefantasia, primado do todo em relação às partes, transcendência, linguagem corporal e existência de um discurso inadequado ao uso corrente. *Auto-organização subjetiva*: há no ser humano uma organização que a si mesma se gera (computa-se), “organização simultaneamente produtora, reprodutora, auto-produtora” (Edgar Morin), em função das suas necessidades e é nessa organização que a motricidade se insere como o jogo necessário das interações, que nos transporta a novas emergências da complexidade (intimidade e abertura, eis o que a motricidade nos revela do *homem*, como ser existente e coexistente); *complexidade-consciência*, visto que, como o sublinhava Teilhard de Chardin, a crescente cefalização, visível no *homem*, liga-se à crescente complexidade e sabe-se como a motricidade é causa e conseqüência dessa ininterrupta antropogênese; *inter-relação corpo-alma-natureza-sociedade*, porque dentro de uma visão holística do *homem* e do Universo tudo está em tudo e em tudo e por tudo o *homem* realiza e se realiza; pela *práxis transformadora*, o *homem* abre acesso à transcendência e toma consciência de que não é objeto, mas sujeito fazedor de história e doador de sentido; a *cinefantasia* diz-nos que a motricidade humana depende de uma decisão em que se fundem, de forma inequívoca, consciência e sonho; *linguagem corporal*, dado que “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”¹⁸ e o corpo também possui os seus jogos de linguagem, com os quais ele procura sentido, constrói novas formas de convivência e fala da liberdade de criar; um discurso inadequado ao uso corrente, dado que todo trabalho teórico precisa de uma linguagem adequada à produção de novos conhecimentos e, como tal, distinta da linguagem comum, que veicula o conhecimento espontâneo. “A linguagem da arte constituiu-se como o *outro* da linguagem da ciência e a ciência como o *outro* da linguagem da arte”¹⁹. Ora, fazer ciência não é só pensar conceitos, mas dinamizá-los emotivamente. Por isso não é de se estranhar o Maurice Merleau-Ponty da *Fenomenologia da percepção*: “Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, sei a partir da minha

visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido”²⁰. Dessa forma, o discurso científico, porque construção do real, é uma atividade estética. Nomear as coisas é dar-lhes vida. A Bíblia diz o mesmo: “No princípio foi a Palavra” (João 1.1). Mas ordenar o real numa estrutura significativa pressupõe imaginação. Ciência e estética vivem indissolavelmente ligadas. Só há ciência pela imaginação. O cientista afirma-se e distingue-se não pelo que lhe ensinaram, mas por sua capacidade de negar o que aprendeu. E não é isso, verdadeiramente, uma experiência estética?

3. Motricidade humana – um paradigma emergente? Quero dizer: Na ciência da motricidade humana é possível encontrar, nos programas de investigação dos seus especialistas, uma nova *matriz disciplinar*? É visível, na *comunidade científica*, as diferenças de linguagem, anunciadoras de escolas rivais? Há mesmo *incomensurabilidade*, entre um novo e um velho paradigma? Julgo bem que sim. A Educação Física visava o desenvolvimento das faculdades físicas do indivíduo. Os que se centram, nos seus estudos e investigações, única e exclusivamente, na(s) ciência(s) do desporto, não excrescem um aspecto parcelar da motricidade humana. A ciência da motricidade humana, ao contrário, em tudo faz referência ao corpo: ao corpo-memória e ao corpo-profecia, ao corpo-estrutura e ao corpo-conduta, ao corpo-razão e ao corpo-emoção, ao corpo-natura e ao corpo-cultura, ao corpo-lúdico e ao corpo-produtivo, ao corpo normal e ao corpo com necessidades especiais. E daí que as Faculdades de Motricidade Humana (FMH) devam preparar licenciados (ou mestres, ou doutores) e não ministrar cursos abreviados e aligeirados para profissões de segunda ordem, coonestando o oportunismo, a ignorância, o nivelamento por baixo. Por outro lado, não devem outrossim, essas faculdades reduzir-se à simples condição de escolas de formação de pessoal docente, pois devem também cobrir outros domínios, como a investigação, a organização e o treino – no desporto, na dança, na ergonomia, na educação especial e reabilitação, no jogo desportivo típico do lazer e a recreação e na motricidade infantil.

Uma Faculdade de Motricidade Humana encontra a razão constitutiva da sua inteligibilidade:

1. No paradigma emergente, antidualista e holístico, expresso na

passagem do físico ao motor, em que a Educação Física, observada como macroconceito, é a pré-ciência da Ciência da Motricidade Humana. A emergência do novo paradigma radica, não só nas exigências da compreensão e da explicação de uma área do conhecimento, que o vocábulo físico já não abrange, mas também na dissolução do paradigma cartesiano, onde se cavou um fosso intransponível entre o *ser* e o *pensar*. Não é pensando que somos mas é sendo que pensamos.

2. Em duas correntes da filosofia atual: a fenomenologia e a hermenêutica. Na primeira, “o corpo não é coisa entre as coisas, mas lugar do advento delas à *significação*, mediante a doação de sentido de que ele operativamente se desempenha”²¹. Na outra, o corpo “é uma consciência que é uma ação”²² e “o paradigma da problemática maior da liberdade e da necessidade”²³. E assim “aquilo que descobrimos pelo estudo da motricidade é, em suma, um novo sentido da palavra *sentido*”²⁴. O que está em jogo na ludomotricidade, na ergomotricidade e na ludoergomotricidade (expressão com que eu designo a motricidade típica da alta competição) não são meras qualidades físicas, mas a capacidade para doar *sentido* ao movimento que visa à *transcendência*.
3. Na necessidade da criação da *consciência corporal* de todo um povo e do reconhecimento generalizado da importância e do significado do corpo. De fato, toda a consciência implica *possibilidade e temporalidade*. Tudo em nós é processo e, como tal, a transcendência, a auto-superação são a condição mesma do nosso desenvolvimento. Para Vygotski, “o desenvolvimento humano é muito mais do que a simples e pura formação de conexões reflexas ou associativas ou apenas a formação de sinapses”. Para ele, o desenvolvimento humano tem origem social, envolve portanto uma interação e uma mediação qualificada entre os elementos da sociedade.²⁵ Lino Castellani Filho define assim o conceito de consciência corporal do homem: “É a sua compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo, pelos aspectos sócio-culturais de momentos históricos determinados. E fazê-lo sabedor de que seu

corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desse discurso, bem como de seus determinantes, é condição para que ele possa vir a participar do processo de construção do seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo”²⁶. João Paulo S. Medina adianta, sobre esse mesmo tema: “Na relação corpo-sociedade, há um peso decisivo da estrutura sócio-econômica que define, de certa forma, os limites da nossa estrutura corpórea. Desde a gestação, somos modelados pelos valores vigentes, pela cultura, pela situação de classe social à qual pertencemos e assim, dentro destas circunstâncias, nascemos, crescemos, vivemos, sobrevivemos, adoecemos e morremos”²⁷. A consciência corporal leva-nos em busca de uma condição física aceitável, animamos a uma dinâmica de saúde e perpetua em nós aquelas vivências que nos permitem uma continuada prática de desporto, dança e outras atividades corporais.

4. Nas exigências da cultura atual, que já não encontra fundamento, quer no determinismo mecanicista quer no positivismo. O conhecimento científico, devido (também) à sua própria dialética interna, chegou aos limites da observação e da experimentação e não lhe resta agora senão iniciar o diálogo com a filosofia. Para concluir, por certo, que entre os dois tipos de conhecimento não há oposição, mas complementaridade. A filosofia é uma “ação construtora do sentido, colaborando com a realidade disponível, para desenvolvê-la, segundo as linhas da sua intencionalidade universalizante e diferenciadora”²⁸. Construtora de sentido a filosofia... e por quê? Em primeiro lugar, porque a ciência a tanto não chega. Aspirar à verdade é próprio do conhecimento científico, mas a certeza escapar-lhe-á sempre. “É preciso renunciar à certeza”, aconselha-nos o experiente Karl Popper. E acrescenta: “O essencial é a atitude crítica. Em primeiro lugar, elaboramos as teorias para criticá-las, depois”²⁹. Mas o *homem* não pode verdadeiramente viver sem as certezas decorrentes do sentido. E daí a necessidade da filosofia, como componente essencial e decisivo dessa construção de sentido, sem o qual a própria

ciência perde significação. Mas, hoje, ciência e filosofia encontram-se ainda porque se torna imperioso pôr de lado “o frenesi tecnocrático-industrial”, causador “de uma espécie de paralisia e de atrofia que diminui na alma a capacidade de sentir, de pensar e, em consequência, de querer”³⁰. Com muita ciência, o *homem* pode ser tão-somente simples *objeto*, pode *sujeitar-se* e não ser *sujeito*. A cultura atual, que deixou de dogmatizar todo tipo de dualismo, mas que rejeita o dogmatismo totalizador; que sabe que, na sociedade de consumo, o *ter* ultrapassa o *ser* como valor ético e, nela, parece ser o agnosticismo, longe de todo o anseio de transcendência, a sua filosofia primeira; que denuncia um certo esvaziamento da interioridade das pessoas aliado à fuga aos valores axiológicos, em favor da sofreguidão do imediato, da alienação na vacuidade e da cessão ao moralismo; que faz do corpo o sujeito da percepção. A cultura atual vê, necessariamente, na *motricidade humana* (na virtualidade para a ação que visa à transcendência), no *sujeito encarnado* e no *corpo-sujeito*, não só uma revolução na filosofia, mas também o campo específico da Educação Física e do desporto.

Motricidade humana — um paradigma emergente? — Com toda a certeza! E, como tal, um novo espaço de reflexão. Não se considera pomposamente a verdade, mas um caminho alcantilado que a persegue. Por outro lado, admite convictamente que satisfaz os quesitos de uma nova matriz disciplinar, o que penso absolutamente indispensável para delimitar uma área do conhecimento que, quase sempre, pôs de lado a necessidade conceptual da ruptura epistemológica e, poucas vezes, se reviu como *comunidade científica*. Além disso, “é indubitável que a comunidade científica tem uma importância fundamental para a compreensão do processo científico e, por isso, constitui uma outra área importante de investigação. As condições teóricas do trabalho científico (modelos teóricos, metodológicos e conceituais), não só evoluem historicamente como a sua aceitação e modo de aplicação num certo momento depende do grupo de cientistas com mais autoridade no seio da comunidade científica. Desse modo, as condições teóricas são verdades sociais em vigor nessa comunidade”³¹. Mas a constituição dessa área, como ciência do homem (ou social autônoma) significa que, nela, a investiga-

ção passará a ser, simultaneamente, física, biológica e antropossociológica (usando a terminologia de Edgar Morin) e tendo em conta a "hereditariedade genética, a herança cultural (em simbiose e antagonismo com a anterior) e os acontecimentos e as eventualidades"³².

No entanto, parece indubitável que é "na motricidade que se manifesta mais claramente a *intencionalidade do corpo* como intencionalidade original, como um *eu posso*"³³. Daí, a Faculdade de Motricidade Humana...

5. Para terminar, cito Ortega y Gasset: "Pensar é dialogar com a circunstância. Para perceber o pensamento do outro devemos compreender a sua circunstância. Sem isso, seria como se de um diálogo possuísemos apenas o que diz um dos interlocutores" (VI, p. 391). Além do que, como diz Gabriel Marcel do *Journal Méaphysique*, se queremos conhecer o outro, devemos de amá-lo.

É pelo *amor* que, verdadeiramente, podemos conhecer. Ora, eu amo o Brasil: amo a ternura, a generosidade e a compreensão do seu povo. E comecei por sentir isso mesmo na *minha* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde tenho ensinado muito e aprendido muitíssimo mais. A Educação Física no Brasil é bem esse misto de saber e sabedoria, que só a ternura, a generosidade e a compreensão conseguem resumir.

A minha tese sobre a ciência da motricidade humana (de que a Educação Física é, no meu entender, o estágio pré-científico) não pretende impor nada nem colonizar ninguém. Aliás, parafraseando Ortega (V, p. 243): "Nada do que é brasileiro me é alheio, tudo faz parte de mim". O que ela quer, de fato, é alertar para a necessidade de sintonizarmos a Educação Física com um conhecimento prospectivo, criador e a serviço (porque atual e atualizante) do povo brasileiro. O que afinal eu quero dizer é que só devemos estudar o *movimento do homem*, depois de termos compreendido o *homem em movimento*.

Hegel escreveu que "superar é negar, mas negar é conservar". O novo supera, há de conservar porém (nesse caso) a alma brasileira (ou a cultura brasileira) que é anterior aos produtos que ela mesma originou. Todos conhecem a expressão de Ortega: "Eu sou eu e a minha circunstância e se não a salvo a ela também não me salvo a mim". A ciência da motricidade humana (que despontou na minha mente e encontrou os seus

primeiros cultores precisamente neste querido Brasil) vai integrar-se, por certo, no Brasil do século XXI: um Brasil com mais ciência e consciência, onde o amor chegará a todos e não só a alguns (pouquíssimos).

E deixo-vos com Teilhard de Chardin (carta de 1/1/54): "Tenho consciência, em todos os meus trabalhos, de ser um simples *eco*, ampliando o que as pessoas pensam à minha volta. Não sou nem posso nem quero ser um mestre. Guardem de mim aquilo que vos diz alguma coisa e construam o vosso edifício. É isso o que interessa".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- FREIRE, João Batista – *Educação de corpo inteiro – Teoria e prática da Educação Física*. Edição Scipione, São Paulo, 1989, p. 83
- 2- GOLDMANN, Lucien – *Le concept d'information dans la science contemporaine*. Minuit-Gauthier Villars, Paris, 1965, pp. 429-443
- 3- FOUCAULT, Michel – *L'archéologie du savoir*. Gallimard, Paris, 1969, p. 182
- 4- *Idem, ibidem*, p. 221
- 5- *Idem, ibidem*, p. 228
- 6- *Idem, ibidem*, p. 250
- 7- FOUCAULT, Michel – *Les mots et les choses*. Gallimard, Paris, 1966, p. 179
- 8- DELEUZE, Gilles – *Foucault*. Minuit, Paris, 1986, p. 66
- 9- ORTIZ-OSÉS, Andrés - *Antropologia hermenêutica*. Escher, Lisboa, 1989, p. 24
- 10- CASTRO, Armando – *Conhecer o conhecimento*. Caminho, Lisboa, 1989, p. 23
- 11- GLEICK, J. – *O caos – a construção de uma nova ciência*. Gradiva, Lisboa, 1989
- 12- BOHN, David. In BOHM, D. & PEAT, F. – *Ciência, ordem e criatividade*. Gradiva, Lisboa, 1989, p. 81